

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3 / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0298-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.985221507>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3*, apresenta, em seus treze capítulos, diferentes pesquisas nos campos linguístico, literário e artístico, com trabalhos que cortejam o título do volume. Esse reúne às artes as letras e a linguística, visando alcançar possíveis repercussões e ressonâncias, o que acontece, de fato, nos estudos selecionados para compô-lo.

Assim, há trabalhos que apresentam, como *corpus*, produções artístico-literárias de Yuyi Morales, Glenn Ringtved e Ricardo Azevedo, no capítulo que aborda as narrativas sobre morte para crianças. Temos, ainda, a arte latino-americana como objeto de estudo, além da obra de Cecilia Paredes. Há, também, o cortejo de um curta-metragem de Roberto Ribeiro e Fernando Alves, além de uma investigação sobre o mito originário do *ikwasiat*. Por fim, contempla-se também o filme *A origem dos guardiões* como *corpus* nessa coletânea.

Outrossim, temos trabalhos que têm como *corpus* a gramática da Língua Portuguesa, seja cortejando sua função no ensino de leitura na língua materna, abordando também a investigação da disputa por originalidade das primeiras gramáticas espanholas e portuguesas. Por fim, há os trabalhos que contemplam a semântica, a implementação da BNCC em sala de aula e o funcionamento de discursos políticos.

Portanto, o livro de que falamos colabora para o enriquecimento não só dos campos da literatura, do cinema e das artes, como também da linguística, da gramática e do ensino. Em outras palavras, é uma rica contribuição para as Ciências Humanas e abre caminho para formação de novos conhecimentos para graduandos, graduados, pós-graduandos, pós-graduados, professores e a todos que se interessem pelas diferentes abordagens metodológicas que atravessam o universo das humanidades nesse volume.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A FINITUDE EM TEXTOS NARRATIVOS PARA CRIANÇAS

Regina Chicoski


Luana Talita Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215071>

CAPÍTULO 2..... 17

AS PRIMEIRAS GRAMÁTICAS: DISPUTAS PELA ORIGINALIDADE

Cinthia Aparecida Lemes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215072>

CAPÍTULO 3..... 29

A GRAMÁTICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LEITURA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Walisson Dodó

Denise Santos Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215073>

CAPÍTULO 4..... 46


MAFALDA: REPRESENTAÇÃO FEMININA E INTERTEXTUALIDADE

Francisco Rangel dos Santos Sá Lima

Vivianne Caldas de Souza Dantas

Daniela Katêrine de Oliveira

Mirna Maria Félix de Lima Lessa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215074>

CAPÍTULO 5..... 54


A NOÇÃO DE VAGUEZA E POSSÍVEIS OPERAÇÕES DE LINGUAGEM EM SALA DE AULA

Antônio Carlos Gomes

Bruno Henrique Castro de Sousa

Roberta de Oliveira Tropiano Barros D'ávila

Rudner Merotto Di Rubim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215075>

CAPÍTULO 6..... 77

IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC: A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PARA A CONCRETIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS SALAS DE AULA

Márcia Moreno

Paulo Fioravante Giaretta


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215076>

CAPÍTULO 7..... 88

MIMETISMOS E ENCOBRIMENTOS COMO MODO DE RESISTÊNCIA CONTRA A

MESMIDADE DO “EU”, NA SÉRIE “PAISAJES”, DE CECILIA PAREDES

Karine Perez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215077>

CAPÍTULO 8..... 97

DAS VANGUARDAS À GLOBALIZAÇÃO: A ARTE LATINO-AMERICANA E A BUSCA POR IDENTIDADE

Tatiana Carence Martins


Aurélio Ferreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215078>

CAPÍTULO 9..... 104

O ABANDONO DE CRIANÇA EM LIXÕES: UMA ANÁLISE SOCIO-SEMIÓTICA DE ASPECTOS SOCIOCULTURAIS NA LINGUAGEM FÍLMICANA AMAZÔNIA

Rosanne de Castelo Branco


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215079>

CAPÍTULO 10..... 116

UM FILME EM DOIS TEMPOS: A MEMÓRIA COMO SÍMBOLO CONCEITUAL

Ana Maria Ferraz de Matos Mendes


Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150710>

CAPÍTULO 11 130

OMITO DE ORIGEM DO *IKWASIAT*: CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTE E CONHECIMENTO


Heidi Soraia Berg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150711>

CAPÍTULO 12..... 147

O FUNCIONAMENTO DOS DISCURSOS POLÍTICOS


Rita de Cássia Constantini Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150712>

CAPÍTULO 13..... 158

DESVELANDO E ANALISANDO PROCESSOS DE TRANSCRIÇÃO INTERPRETATIVA DO CANTOR

Lucila Tragtenberg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150713>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 169

ÍNDICE REMISSIVO..... 170

Data de aceite: 04/07/2022

Rita de Cássia Constantini Teixeira

Doutora em Psicologia, pelo Programa de
Psicologia da FFCLRP/USP

RESUMO: Neste trabalho pretendemos refletir sobre os discursos políticos, a partir da estrutura e do funcionamento que eles se encontraram nas mídias e nos jornais escritos de grande circulação. A fundamentação teórica que sustenta esta escrita é a Análise do Discurso de matriz francesa Pecheuxiana, a qual implica compreendermos os efeitos de sentidos que podem desestabilizar os discursos no funcionamento do movimento ideológico e imaginário. Os deslizos e os deslocamentos de sentido serão analisados por meio do corpus deste trabalho, os quais são feitos de recortes de enunciados. Estudar os textos inscritos em uma sociedade, em um dado contexto histórico, político e econômico é permitir olhar a movência da linguagem pelo viés teórico e, dessa forma compreendermos que a estrutura de uma língua é subjacente e velada e o sistema de relações movimenta esta linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Política; Enunciado; Estrutura; Funcionamento.

THE OPERATION OF POLICY SPEECH

ABSTRACT: In this paper we intend to reflect on the political discourses, from the structure and functioning that they found in the media and in the widely circulated written newspapers.

The theoretical foundation that underpins this writing is the Discourse Analysis of the French Pecheuxian matrix, which implies understanding the effects of senses that can destabilize the discourses in the functioning of the ideological and imaginary movement. The slips and the displacements of meaning will be analyzed through the corpus of this work, which are made of cuttings of utterances. Studying the texts inscribed in a society, in a given historical, political and economic context is to allow us to look at the movement of language through the theoretical bias, and thus understand that the structure of a language is underlying and veiled and the system of relationships moves this language.

KEYWORDS: Speech; Politics; Statement; Structure; Operation.

Pensar a Análise do Discurso, fundada nos anos 60 pelo filósofo Michel Pêcheux, implica pensar as posições que os sujeitos ocupam dentro de uma sociedade e a ilusão da opacidade da linguagem que atravessam os discursos, sejam eles políticos, religiosos, escolares, enfim a busca de um sentido único e verdadeiro sem ponderar que toda a dispersão e a deriva são inevitáveis numa produção discursiva oral ou escrita. Pêcheux teve como referência teórica Georges Canguilhem, Louis Althusser e Jacques Lacan e, passou a refletir sobre a filosofia do conhecimento empírico, com o intuito de romper com o paradigma ideológico vigente nos anos de 1960. Ele analisou os efeitos de sentido do discurso como foco

principal da teoria.

O discurso político divulgado pela mídia, o qual trataremos aqui nesta escrita, traz marcas e indícios na escrita que nos levam a compreender que o discurso dominante se faz presente nas próprias entrelinhas, uma vez que o leitor ao entrar em contato com o discurso político, com base nesta teoria, a qual nos reportamos para as análises a seguir, possa vir a compreender a materialidade discursiva particular de cada enunciado.

As circulações dos enunciados políticos encontrados nos jornais, nas revistas, na mídia em geral são confrontadas ao passo que a leitura e as formulações de sentido vão construindo significações outras de leitura.

Os sentidos estão sempre em per(curso), ou seja, continuamente se deslocando condizentes com as questões políticas e ideológicas. E, o sujeito tanto leitor como aquele que produz o funcionamento desse discurso caminha na ilusão subjetiva do funcionamento ideológico, o qual é inerente aos processos de interpelação, identificação, subjetivação desses efeitos de sentido.

O campo da linguagem que traz o discurso político acredita se pautar no campo da linguagem como ciência, na verdade de não ser contestável, um saber legítimo e empírico, no entanto a materialização discursiva para este discurso é formulada pela região simbólica, imaginária, não deixando de ser a instrumentalização e sedentarização da língua, transformando a linguagem em um cálculo matemático.

Dessa forma, a escolha das palavras na língua é um efeito de controle, mas a quem interessa, ideologicamente, a escolha das palavras no erro e ou no acerto? A quem interessa esse controle quando estamos tratando, especificamente de discursos políticos? Alguém está lucrando com o controle e a dispersão dos efeitos de sentido na linguagem?

Por este motivo, o controle está em tentar conter e manter a estabilização dos sentidos, mas o domínio é uma ilusão na relação que provoca deslizamentos e falhas, o funcionamento da evidência, o qual apaga, e arriscar-se na naturalização dos sentidos, do apoucamento da significação.

Discorreremos então, sobre a ideia da costura e da linha, em que estabelece muros, esquecimentos, e este esquecimento nos leva a compreensão da teoria pecheuxtiana do esquecimento número 1, em que Pêcheux, em “Semântica e Discurso” (2009) como resultante da interpelação ideológica, a fonte e a origem do dizer. E, o esquecimento número 2, como a ilusão da transparência da linguagem, a falha, o lapso. E, pensando no discurso do esquecimento temos a contenção do uso da língua e, por isso quem costura melhor tem a ilusão do controle dos sentidos. E, quando a linha se rompe como fica o funcionamento da ideologia? É preciso costurar rapidamente, de tal modo que outro discurso político entra em pauta nas colunas midiáticas para que o controle e a dispersão não sejam desestabilizados.

O funcionamento que movimenta as ideologias está nas relações de poder, nas condições de produção, nas marcações ideológicas para a materialização da

e na linguagem. O efeito imaginário e a especulação que vão se materializando neste funcionamento ideológico dentro dos discursos políticos, a partir da formação social dos sentidos, pois segundo Althusser (2017) a *“Ideologia é eterna porque sempre existirá história”*. Partilhamos de uma colocação de Althusser em *“Sobre a Reprodução”* (2017, p.196-197) quando coloca a vantagem da teoria da Ideologia:

É mostra-nos concretamente como ‘funciona’ a ideologia em seu nível mais concreto, no nível dos ‘sujeitos’ individuais, isto é, dos homens tais como existem, em sua individualidade concreta, em seu trabalho, sua vida cotidiana, seus atos, seus compromissos, suas hesitações, suas dúvidas, assim como em suas mais imediatas evidências.

A Ideologia somente funciona quando regula, assim pensamos nos posicionamentos sociais assumidos pelos sujeitos, por exemplo, um médico tem mais prestígio e tem uma fala de maior autoridade que um professor, pois esta relação de poder remonta o acolhimento dos papéis sociais exercidos e da própria valorização que os mesmos profissionais tem perante os conceitos valorativos e a sociedade. E, o sujeito que lança o discurso político também assume uma posição de prestígio que confia ter a ideologia amarrada sem furos para promover os sentidos desejados.

Todo sujeito deve agir segundo a ideologia que o traz à existência enquanto sujeito, ou seja, o inconsciente regulando o ser humano (sujeito) pois a Ideologia instala, em cada quarto (Althusser, 2017), em cada aula, em cada leitura como um “grande inquisidor” (Dostoiévski) onipotente, irrecusável e inegociável, o que regula e fornece “verdades” capazes de organizar e manter as materializações sociais.

A Ideologia é uma condição indissociável do sujeito, por este motivo estamos sempre sujeitos a um viés ideológico, pois o ritual da Ideologia produz uma identificação entre o indivíduo e o sujeito, de tal modo que o primeiro passa a acreditar que sempre foi o segundo. E, esta condição discursiva se faz presente e com tal veemência nos discursos políticos, pois o filósofo Karl Marx (1867-1894) em o *“Capital”* aponta para a regulação e um ritual do sujeito e, ainda para com o sujeito com falhas. As teorias de Marx sustentam que as sociedades humanas progridem através da luta de classes e as forças produtivas (potência, ferramentas, braço, terra) de um modo de produção, o modo em fazer, de produzir bens materiais e trabalhar para o mundo e pode subjugar a natureza que implica um conjunto de processos de trabalho. Assim, os processos de trabalho é uma sequência técnica entre ferramenta (instrumento de trabalho), qualificação para o manuseio, aperfeiçoamento das ferramentas e do ser humano e, os meios de produção condicionam a formação social, ou seja, a atribuição dos sentidos ancorada na sociedade. Temos neste meio os sem classe X com classe, as relações de produção vão sendo interferidas nas forças produtivas de uma forma diferente e o desnivelamento entre sujeitos envolvidos se dá de forma desigual em cada produção de trabalho.

O grande desnivelamento na sociedade que causa a desigualdade é fruto do

capitalismo que necessita desse desnivelamento, pois a mais valia precisa da divisão de classes, e o grande teatro da desigualdade capitalista é toda essa estrutura que está por trás da Ideologia. A desigualdade não é econômica ou tecnológica, mas sim ideológica e política.

A perpetuidade do grande teatro são os Aparelhos Repressivos de Estado, e Pêcheux ao passo que lê Althusser fala sobre o sujeito e o número que carregam, o Registro Geral (RG), o Cadastro de Pessoas Físicas (CPF), por fim, o sistema jurídico, o exército, os manicômios, todos em mesmo plano que não é igual, mas sim algo que atravessa os Aparelhos Ideológicos de Estado, os quais são os tentáculos sociais, têm uma grande potência monstruosa, físgam os sujeitos para reproduzir as relações de poder.

Os Aparelho Ideológicos de Estado é uma engenharia para que cada sujeito fique no seu lugar social e econômico, o que implica um apagamento do gesto de reprodução dentro das escolas, da família, na religião, nos partidos políticos, nas mídias, na arte e na cultura. É o efeito de onde o sujeito está. Quem é o sujeito que pode dizer? Quem pode dizer de X e não Y dos lugares que ocupam, isto é, de uma captura assustadora, mas quando esta maquinaria não funciona tem outros recursos, a ordem dessas relações a serem reproduzidas e tomadas de formas já consideradas “naturais”, pois quem somos sujeitos de direitos para questionar?

Os Aparelhos Ideológicos de Estado nos lançam ao imaginário, como uma alienação, um fetiche, um efeito de feitiço, de encantamento, de sedução, um objeto externo ao desejo que vimos muito marcados nos discursos políticos, porque a Ideologia dominante é para funcionar, já que a interpela todos os indivíduos em sujeitos em posições dadas diferentes para se representar e dizer de si no mundo, não apenas de representação no mundo, mas de captura, a Ideologia recruta indivíduos em sujeitos, e passa a ter a ilusão de um processo de naturalização de sentidos. E, para Althusser (data) “Só há prática através de e sob uma ideologia”, uma estrutura que parece estar estabilizada.

A natureza da estrutura é a relação, mas nem sempre de semelhança, e sim de oposição. E, a relação antagônica também se materializa no discurso político, o qual servirá como fonte de análise e, buscamos pensar em discursos políticos o funcionamento discursivo e a articulação sobre a linguagem.

Através do embate político com o simbólico, a Análise do Discurso proposta por Pêcheux questiona a prática das Ciências Sociais e da Linguística que não consideravam, na época (período de 1960-1983), o movimento histórico-social da linguagem e concebiam a língua como um sistema lógico e estrutural.

Em 1983 nos vemos frente ao último trabalho de Pêcheux, em que ele propõe um desafio, ele faz uma crítica aos termos da Lógica e da Linguística que impõem uma verdade absoluta com leis e regras específicas, desconsiderando qualquer fator externo à linguagem, inclusive a Ideologia. Segundo Orlandi (2008, p.7) estudiosa com a teoria pecheuxtiana coloca que Pêcheux:

Propôs uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito. Ele exerceu com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios[...] na (des)construção e compreensão incessante de seu objeto: o discurso.

Para adentrarmos os discursos políticos, os quais trataremos como material de estudo, Orlandi, ao traduzir “*Estrutura e Acontecimento*” de Pêcheux (2008, p.8), coloca que Michel Pêcheux fala da relação dos espaços semanticamente estabilizados:

Michel Pêcheux fala da relação entre os universos logicamente estabilizados e o das formulações irremediavelmente equívocas, investigando as relações do descritível e do interpretável ao mesmo tempo em que percorre as formas de se fazer ciência: as sobredeterminantes e as de interpretação.

A estrutura é, o sistema funciona, e são as relações de poder que fazem o sistema funcionar. As relações estão associadas com a ontologia da estrutura, e implica uma não unidade. A análise estrutural, segundo os estudiosos do estruturalismo, quando ela é exaustiva, porém os estudiosos do campo da linguagem, segundo a teoria da Análise do Discurso, é complicado pensar este movimento de exatidão e de exaustão, pois para os analistas do discurso, o funcionamento linguístico-discursivo se dá na incompletude da língua, pois para a A.D. (Análise do Discurso) nada se fecha, há uma ilusão conclusiva.

A materialidade linguística de um enunciado e a relação com o signo estão em constante movimento, mas como conservar esses jogos revolucionários e de ultrapassagem o tempo todo, pois o movimento dialético busca as ultrapassagens, levando em consideração a arbitrariedade do signo linguístico há uma convenção social, e a sociedade vive uma constante transformação.

A estrutura de um sistema, e aqui trataremos da estrutura dos discursos políticos, ela é subjacente, velada. Na teoria estruturalista as marcas do movimento histórico, político e social são deixadas de lado, a língua é como um objetivo científico, a fala como uma via ao lugar de produção, mas não podemos deixar de ponderar que não se pode pensar separado a estrutura que existe com o funcionamento da língua na e pela formulação ideológica, como uma folha de papel, em um lado o significante e no outro lado o significado, caso ela se rasgue não temos como pensar a relação de forma separada.

Com os Manuscritos de 1974, Starobinski coloca o posicionamento assumido por Saussure:

A linguagem é um recurso infinito e que atrás de cada frase dissimula-se o múltiplo rumor do qual ela se destacou para isolar-se diante de nós na sua individualidade.

A relação entre estrutura de um discurso e o funcionamento desse discurso nos permite compreender que as relações de univocidade de homogeneidade lógica mantém, segundo Pêcheux (2008, p.33) em “*Estrutura e Acontecimento*”, a “falsa-aparência” - controle - sem risco de interpretação, a promessa de uma ciência régia conceptualmente

tão rigorosa quanto às matemáticas.

Nesse espaço de necessidade equívoca, misturando coisas e pessoas, processos técnicos e decisões morais, mode de emprego e escolhas políticas, toda conversa (desde o simples pedido de informação até de discussão, o debate, o confronto) é suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis-com, de vez em quando, o sentimento insidioso de uma simplificação unívoca, eventualmente morta, par si-mesmo e/ou para os outros.

Neste contexto, Pêcheux (2008) nos coloca a discorrer e a refletir: a estrutura é da ordem do discurso ou da contingência? A contingência que escapa, que é a atravessada pelas formações ideológicas, que captura o sujeito no simbólico e no imaginário, ultrapassa a linguagem acabada e pronta. Portanto, compreender o acontecimento contingente e a estrutura necessária pelo viés da teoria da interpretação, ou seja, quais são as análises e as consequências desse embate. E, assim Pêcheux (2008, p.53) pontua:

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente).

O corpus desta escrita é parte de um trabalho, o qual teve como critério analisar discursos políticos para pensar o funcionamento da estrutura dos enunciados. Não pretendemos com este trabalho esgotar as possibilidades de interpretação, principalmente porque para a análise do Discurso sempre podemos promover outros gestos interpretativos. Todas as imagens e textos escritos, usados como análise foram retirados do site www.google.com.br



Texto 1: Pagar o pato

A expressão “Pagar o pato” um discurso muito empregado, uma expressão da língua portuguesa utilizada no sentido de “levar a culpa por algo”, ou “fazer papel de bobó”. E, esse enunciado veio ressignificar em outro contexto histórico, ou seja, o enunciado de uma expressão popular tornou-se uma manifestação do discurso político quando o Brasil estava

protestando contra o governo em questão, a ex-presidente Dilma.

Porém, ao ressignificar a formação ideológica e discursiva propõe outros questionamentos que são elucidados, pois a estrutura linguística não tem mais o mesmo funcionamento social, como: Mas quem vai pagar o pato? Quem é o pato, os políticos ou brasileiros? São impostos, taxas? E, todos os brasileiros vão pagar da mesma forma?

PEDALADAS FISCAIS...



Texto 2: Pedaladas

Robinho, o ex-atacante do Santos, time brasileiro de futebol, no ano de 2004, ficou conhecido pelas famosas “pedaladas”, uma técnica desenvolvida pelo próprio jogador para driblar os jogadores adversários em campo, recebeu vários prêmios por esta estratégia.

Esse mesmo enunciado foi ressignificado nos anos de 2013 a 2014, quando a ex-presidente do Brasil Dilma Rousseff foi acusada de corrupção pelas famosas “Pedaladas Fiscais”, esse foi o nome dado à prática do Tesouro Nacional de atrasar de forma proposital o repasse de dinheiro para bancos (públicos e também privados) e autarquias, como o INSS. Dessa forma a oposição política usou dessa estratégia para sustentar o pedido de impeachment da ex-presidente do Brasil Dilma Rousseff.

A palavra “pedaladas” tem um efeito de sentido que nos remete ao drible, ao deslize, a ludibriar e enganar os adversários, sejam eles políticos ou do mundo do futebol. O enunciado que antes estava no campo semântico do esporte vem para o campo do discurso político, a estrutura segue a mesma, mas quando passa no discurso político a representar “Golpe” ou “Impeachment” a estrutura enunciativa não é mais a mesma, o funcionamento ideológico afeta os brasileiros em que cada um manifesta sua opinião partidária.

Assim, a estrutura linguística se reestrutura e não é mais a mesma, pois os gestos interpretativos não têm mais os mesmos efeitos de sentido



Texto 3: “Vem pra rua”

O movimento “Vem pra rua” foi um movimento político-social-brasileiro fundado em 2014 como uma tentativa de organizar e captar pessoas em razão da situação econômica, política e social do país, durante o governo Dilma tendo como alvo o próprio governo da ex-presidente, e pautas definidas como o combate à corrupção.

No entanto, antes desse enunciado funcionar no campo do discurso político ele foi criado por uma montadora de carros “Fiat”, em uma campanha publicitária para a copa da Confederações FIFA de 2013, a canção ganhou destaque em junho de 2013 ao virar “hino” dos manifestantes nos Protestos no Brasil em 2013. João Ciaco, diretor de marketing da “Fiat”, disse que “a música não é mais da Fiat, é das pessoas”.

Desta forma, a situação que manifestava um efeito ideológico sobre uma propaganda de marcas de carro, toma outra proporção que avança para o campo do imaginário e do simbólico e causando outro efeito de sentido no campo discursivo político. Podemos ver a Ideologia funcionando e deslizando para outros acontecimentos e a regularidade é impossível que se continue a mesma.

Texto 4: Discurso do ex-presidente Lula

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Quatro anos depois, o Brasil é igual na sua energia produtiva e criadora.

Mas é diferente --para melhor-- na força da sua economia, na consistência de suas instituições e no seu equilíbrio social.

“Meus queridos brasileiros e brasileiras,

É com muita emoção que eu subo a este Parlatório para conversar um pouco com vocês. Hoje é para mim um dia de profunda emoção. Primeiro, porque ser Presidente da República do meu País, eu recebo isso como uma bênção de Deus, porque eu digo sempre que chegar onde eu cheguei, saindo de onde eu saí, eu só posso dizer que existe um ser superior que decide os destinos de cada um de nós e, por isso, eu estou aqui.

Nos vocativos eleitos para o discurso do ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, ao ser reeleito nas eleições presidenciais, trazem marcas linguísticas que geram efeitos de sentido, os quais remontam todo respeito pela luta feminista por um espaço na política. As mulheres tendo os direitos reconhecidos a participar de uma vida em que podem exercer o papel social de luta, pois o fato de enunciar “minhas senhoras” e queridas brasileiras” causa o efeito de uma emancipação, de um lugar conquistado e legítimo. Desta forma, compreendemos que a estrutura está para além da colocação correta de um vocativo em um discurso político como estrutura pretendida, pois o funcionamento dessa estrutura remonta um acontecimento que ecoa vozes de luta, de resistência, de movimento histórico e político de perdas e ganhos. A voz da mulher funcionando em uma estrutura fixa que naquele pronunciamento se moveu para outro espaço de significação.



Texto 5: Lula Lá

“Lula Lá” é uma canção escrita pelo cantor e compositor brasileiro Hilton Acioli para o segundo turno da campanha presidencial do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, em 1989. Esta canção marcou todo o movimento de luta e resistência de uma ideologia lutadora pelos direitos à igualdade, erradicação da pobreza, água e luz para todos em prol de uma vida mais digna. Desta forma o enunciado “Lula Lá” traz o advérbio de lugar nesta estrutura como o lá de um espaço de conquista. Quem pode chegar lá? Quem pode ocupar a cadeira presidencial que está lá? Um nordestino, pobre e considerado analfabeto pode estar lá junto de pessoas consideradas da elite da sociedade?

Neste movimento estrutural o advérbio de lugar lá reverbera muito mais que uma

inserção após o verbo principal de uma oração, são palavras que modificam um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, isto é o que dita a regra, porém o advérbio de lugar lá modificou e transformou toda a história de milhões de brasileiros e brasileiras que saíram da pobreza, que conseguiram ocupar os bancos das universidades e conquistaram um diploma, que hoje possuem água encanada e eletricidade.



Texto 6: Discurso do presidente Bolsonaro

No texto 6, temos o slogan da campanha presidencial no ano de 2018 do atual presidente da República Jair Messias Bolsonaro, o qual enunciava “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, a estrutura do enunciado foi feita dentro das condições linguística estabelecidas pela norma da língua portuguesa, porém o funcionamento desta estrutura mobiliza sentidos de ordem e de conduta conservadora moralizante em que a igreja católica muito pregou durante anos, temer a Deus é uma forma de se manter vivo na sociedade, ou seja, dentro das ordens estabelecidas pela religião, e tal discurso político sem se recordar de que o país é um espaço laico, traz as decisões de um governante que coloca o próprio país acima de um Deus, mais uma vez a estrutura que funciona no desmonte do poder, assim causa um efeito imaginário e simbólico de sentido de que as decisões de um governo, no caso do Brasil, não devem ser questionadas nem pelo próprio Deus, pois se a estrutura estivesse na ordem inversa, o poder não estaria nas mãos do governo e, sim de Deus, mas ao passo que os eleitores ouvem e leem essa estrutura ela dissemina um lugar bom e de respeito para se viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura de um enunciado é uma materialidade fixa, porém os fatos estão sempre colocados em circulação e, ao passo que esta circulação começa a desestabilizar

os sentidos para os campos da história, da política, da religião principia a funcionar na contingência do inesperado, e sobremaneira afeta toda uma formação ideológica e imaginária que transgride para novas formações discursivas.

Nesse sentido a necessidade da estrutura e a contingência caminham juntas, por isso o movimento é dialético, ou seja, uma coexistência tensa entre opostos, uma relação marcada pela oposição.

O movimento de instabilidade faz ranger a estrutura, deixa um espaço vago, uma lacuna do possível vir a ser ou não. Assim, a estrutura e o acontecimento, esse funcionamento um não anula o outro, não podem ser anulados, são estrutura e acontecimento ao mesmo tempo. O funcionamento dessa estrutura pode acontecer e se resignificar e ser interpretados de maneiras divergentes, dependendo do contexto histórico, social e político.

ÍNDICE REMISSIVO

A

América Latina 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

A origem dos guardiões 116, 117, 124, 126

Arte gráfica 130, 133, 142

Arte latino-americana 97, 98, 100, 101, 102

Autor 6, 12, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 43, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 80, 132, 136, 137, 138

B

BNCC 29, 32, 33, 36, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

C

Competências sociais 104, 107, 109

Criança 1, 2, 3, 13, 14, 47, 59, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 127, 164

Currículo 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 108

D

Discurso 2, 17, 33, 43, 47, 51, 66, 81, 82, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 133, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156

E

Encobrimentos 88, 89, 90, 93, 95

Ensino 21, 22, 23, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 45, 54, 55, 56, 70, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 85, 104, 105, 139, 145, 146, 169

Ensino de gramática 29

Ensino de língua materna 29, 30, 33, 37, 41, 44

Enunciado 55, 56, 57, 59, 65, 66, 68, 71, 74, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156

Epilinguística 54, 55, 67, 75

Escritor 17, 22, 102, 113, 117, 159

Estrutura 25, 27, 36, 42, 60, 64, 77, 80, 82, 101, 114, 124, 133, 136, 143, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 160

Estudos críticos do discurso 104

F

Floresta 111, 130, 133, 137, 140, 141, 142, 144

Fractalização 130, 139

Funcionamento 26, 34, 35, 36, 40, 41, 43, 55, 79, 136, 141, 147, 148, 149, 150, 151, 152,

153, 155, 156, 157

H

Historiografia linguística 17, 28

I

Identidade 13, 46, 48, 52, 53, 56, 86, 87, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 119, 121, 126, 132, 133, 143, 144

Ideologia 17, 80, 86, 113, 115, 136, 146, 148, 149, 150, 154, 155

Ikwasiat 130, 131, 133, 134, 138

Imagem-símbolo 130

L

Leitura 25, 29, 31, 32, 33, 34, 40, 41, 45, 50, 74, 148, 149, 167

Linguagem 20, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 44, 46, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 77, 80, 81, 104, 106, 107, 108, 109, 114, 115, 116, 119, 121, 122, 123, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 159, 161

M

Memória 21, 28, 35, 46, 49, 50, 98, 108, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 158, 161

Mimetismos 88, 90, 93, 95, 96

Morte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 22, 108, 132, 140, 143

N

Narração 1, 8, 10, 22

Narrativa mítica 130, 131, 132

P

Política 48, 77, 79, 81, 82, 87, 97, 99, 100, 103, 105, 137, 147, 150, 153, 154, 155, 157

Práticas pedagógicas 30, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85

S

Semântica 54, 60, 71, 75, 76, 121, 125, 131, 148, 159

Significado 6, 9, 10, 11, 16, 20, 36, 57, 58, 60, 67, 73, 116, 117, 121, 122, 126, 127, 151, 159, 160

Símbolo 8, 13, 26, 116, 117, 121, 122, 123, 126, 130, 131, 132, 133, 136, 140, 143

T

Tempo 4, 5, 8, 9, 14, 18, 19, 20, 22, 23, 30, 41, 57, 71, 80, 89, 97, 99, 100, 112, 116, 117, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 138, 140, 141, 142, 151, 157, 162, 163,

164, 165

Tradução 1, 2, 5, 16, 17, 18, 22, 23, 25, 26, 27, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 122, 123, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 140, 144, 159, 160, 161, 162

V

Vagueza 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 163

Vanguardas 97, 100, 103

Veado 130, 133, 138, 139, 140, 141, 142

Vulnerabilidade social 104, 106

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:


Ressonâncias e repercussões 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022